OTELO

de William Shakespeare
(1564 – 1616)

RESUMO DA NARRATIVA

Escrito entre 1602 e 1604 e encenado pela primeira vez em 1604 na presença do Rei James I, "Otelo, o Mouro de Veneza" teria sido inspirado na obra *"Hecatommithi"* de Giraldo Cinthio (1504-1573). A ação passa-se em Veneza e Chipre, por volta de 1570. A cidade italiana, naquela época autônoma, um estado no sentido moderno da palavra, era uma república dirigida por um doge. Shakespeare inicia a encenação contando diretamente ao público, pela boca de Iago, que Desdêmona, filha do senador Brabâncio, havia se casado secretamente com Otelo, um nobre mouro[1] a serviço da República de Veneza. Acusado perante o senado de ter "roubado" a filha do senador e simultaneamente convocado pelo mesmo senado para liderar as tropas venezianas contra os turcos que ameaçavam Chipre, fato histórico, a situação tensional de Otelo simboliza logo de início o clima dramático que permeará toda a obra.

A tradução utilizada é a de Onestaldo de Pennafort, que a empreendeu especialmente para a montagem da peça, em março de 1956, pela então recém-criada companhia Tônia-Celi-Autran, dissidência do Teatro Brasileiro de Comédia. A tradução, escrita em 1955 e editada em 1956 pela Civilização Brasileira, foi elogiada por Manuel Bandeira em crítica no Jornal do Brasil onde lembra que *"traduzir Shakespeare é como executar acrobacias de trapézio sem rede embaixo."*

Ato I

Cena I. Veneza. Uma rua.

Rodrigo, um rico veneziano, e Iago, um alferes, vêm pelas ruas de Veneza conversando. Iago queixa-se de ter sido preterido pelo general Otelo na escolha de seu novo lugar-tenente, cargo oferecido a *"um simples contabilista[2], um tal de Miguel de Cássio, um florentino janota..."* que, na opinião dele, seria incapaz da arte da guerra e lamenta-se:

> **"IAGO**
> *Enquanto eu, que tantas vezes,*
> *aos olhos do próprio Mouro,*
> *dei tanta prova de mim,*
> *em Rodes, Chipre e outras terras*
> *de cristãos e de infiéis,*
> *eu cá fico a sotavento*
> *desse perito de... cômputos!"* (pág. 37)

---

[1] Nota do resumidor - Haverá polêmica eterna sobre se Shakespeare refere-se a um negro ou a um berbere com a expressão *"moor"* (mouro). Interessou ao autor, de fato, estabelecer um grande contraste entre os consortes e apenas isso.
[2] Nota do resumidor – No original esta marcado *"a great arithmetician"*.

E emenda: *“Pois bem, agora dize-me tu mesmo: posso morrer de amores pelo Mouro?”* Continua seu discurso fazendo uma autoanálise:

> **“IAGO**
> *Pois, meu caro, tão certo como tu*
> *chamares-te Rodrigo, eu cá, se fosse o Mouro,*
> *não queria um Iago a meu serviço.*
> *Sirvo a mim próprio apenas, quando o sirvo.*
> *E o céu é testemunha de que o sirvo,*
> *não por estima, nem por dedicação,*
> *embora sob a capa de tais lérias,*
> *mas tão-somente porque me convém.”* (pág. 38)

A dupla chega à casa do senador Brabâncio e embaixo da janela, aos gritos, o acorda dizendo-lhe que ele havia sido “roubado”: *“perdestes a metade de vossa alma. Agora, neste instante, um velho carneiro negro está cobrindo a vossa ovelhinha branca... Rápido! Rápido! Enquanto o diabo, num esfregar de olhos, não vos faz um neto!”*. O senador, da janela, acusa Rodrigo de estar novamente assediando a filha dele, Desdêmona, mas o rapaz declara ter vindo *“com a melhor e a mais honesta das intenções”*. Iago confirma as boas intenções da dupla, insistindo que os dois haviam vindo impedir que a filha dele fosse *“coberta por um cavalo da Berbéria.”*

> **“IAGO**
> *Quereis que os vossos netos relinchem para vos pedir a benção? Agrada-vos uma parentela de corcéis e ginetes?”* (pág. 40)

Rodrigo esclarece finalmente que Desdêmona, a *“linda filha... se entregou às grosseiras carícias de um mouro lascivo.”* Brabâncio acorda a criadagem alvoroçado. Iago resolve desaparecer porque, *“no seu posto”*, não seria prudente *“ser citado como testemunha contra o mouro”*.

Brabâncio inicia a procura pela filha, *“de casa em casa”*.

Cena II. Veneza. Outra rua.

Na mesma noite, numa outra rua de Veneza, conversam Otelo, Iago e oficiais.

Iago maliciosamente indaga a Otelo: *“Mas, dizei-me, senhor, é certo que casastes?”* Otelo confirma e Iago quer saber se ele não teme o poder do Magnifíco[3].

Otelo diz que *“mais alto falarão* (seus) *serviços prestados ao Estado que as suas queixas”* e declara a grandeza do seu amor.

> **“OTELO**
> *Fica sabendo, Iago: se não fosse*
> *este amor que a Desdêmona consagro,*
> *jamais poria freios e fronteiras*
> *à minha vida aventurosa e errante,*
> *nem por todo o tesouro que há nos mares!”* (pág. 46)

Chegam Cássio e oficiais com tochas. A comitiva vem convocar Otelo, em nome do Doge, para uma assembléia cujo assunto está ligado a Chipre. Os senadores estariam reunidos emergencialmente. Quando

---

[3] Nota do resumidor – Referência ao senador Brabâncio.

Otelo se afasta, Iago faz comentários maliciosos para a comitiva, comunicando indiretamente o casamento do Mouro.

> **"IAGO**
> *É que esta noite*
> *ele fez a abordagem de uma certa*
> *caravela terrestre. E se vier*
> *a comprovar que a sua presa é boa,*
> *ficará ancorado para sempre."* (pág. 47)

No caminho da sala do conselho, a comitiva é interceptada pelo grupo de Brabâncio que cobra de Otelo: *"Ladrão, onde escondeste a minha filha?"* Seus acompanhantes desembainham as espadas, mas Otelo adverte: *"Embainhai vossas armas reluzentes, para que não as embacie o orvalho"*[4]. Apesar de o senador desejar prendê-lo, submete-se à convocação mais alta do próprio Doge e vão todos juntos para o palácio.

Cena III. Veneza. A sala do conselho.

O Doge, os senadores e os oficiais discutem a ameaça turca a Chipre. Chega a notícia de modificação do destino da esquadra otomana para a ilha de Rodes, fato incompreensível para os presentes, já que Rodes é muito bem defendida. Nova notícia dá conta de que os turcos, reforçados com uma segunda esquadra nas imediações de Rodes, rumariam agora para Chipre. Neste momento chegam Brabâncio e o *"valoroso Otelo"*, e demais oficiais.

O conselho quer tratar da guerra, mas Brabâncio insiste em falar de seu infortúnio que *"tal uma inundação... a tudo leva na enxurrada"* e, para espanto do Doge e de todos, indica Otelo como perpetrador de tal afronta, agravada por ter sido feita com magia, porque Desdêmona seria *"sossegada e tímida, a ponto que chegava a corar das próprias emoções"*. Otelo confirma os fatos: de fato havia raptado Desdêmona e se casado com ela, mas adverte: *"Toda a larga extensão da minha culpa daí não passa. Em meu falar sou rude, inábil no versar a linguagem da paz"* e, não obstante, propõe contar como aquele amor nascera.

O Doge manda convocar Desdêmona cujo paradeiro é informado pelo Mouro. Enquanto a moça é trazida, Otelo conta à assembléia que freqüentava a casa de Brabâncio e contava à moça as aventuras e perigos por que havia passado e que, por isso, ela se havia apaixonado por ele: *"Ela me amou pelos perigos que corri e eu a amei pela pena que ela teve"*. No conselho, pouco depois, Desdêmona confirma seu livre engajamento matrimonial, afastando a tese do rapto:

> **"DESDÊMONA**
> *Meu nobre pai, aqui defronto dois deveres.*
> *A vós vos devo vida e educação.*
> *Ambas me fazem ver que sois aquele*
> *a quem devo respeito para sempre.*
> *Sempre a vós, como filha, obedeci.*
> *Mas vejo aqui também o meu marido.*
> *E a mesma submissão perante vós*
> *a que se sujeitou minha mãe outrora*
> *e que ela sobrepôs à que a seu pai devia,*
> *é a que ora, com razão, julgo dever*
> *ao Mouro, meu esposo e senhor."* (pág. 59)

Com esta declaração, Brabâncio conforma-se a contragosto e concorda em passar *"aos negócios do Estado"*, não sem antes entregar de má vontade Desdêmona a Otelo: *"Aproxima-te, Mouro. Aqui te dou, de*

[4] Nota do resumidor – No original consta com concisão admirável: *"Keep up your bright swords, for the dew will rut them"*.

todo o coração, o que também de todo coração te negaria, se porventura já não fosse teu". O Doge apoia o gesto, lembrando que *"o roubado que ri furta algo ao seu ladrão; se a chorar perde tempo, a si se rouba então",* mas Brabâncio relembra que *"sentença que propõe consolo ao sofredor é mais fácil de seguir, quando é alheia a dor."*

Mudando finalmente para os assuntos de Estado, o Doge resume a situação:

> **"DOGE**
> *Os Turcos, com uma poderosa armada, fazem-se de vela rumo a Chipre. Melhor do que ninguém, Otelo, conheces as condições daquela praça. E não obstante termos lá um outro comandante de reconhecido valor, em ti recai a nossa escolha que, aliás, reflete a opinião geral, para o comando da guerra. Deves resignar-te, portanto, a permitir que a tua recente felicidade seja empanada por esta dura e turbulenta expedição."* (pág. 60)

Como Otelo aceita a missão (*"Nada mais me alegra e me estimula do que enfrentar as provações mais duras"*), Desdêmona pede ao conselho que permita que ela acompanhe o marido a Chipre. Desfeita a reunião, o Doge comenta com o inconsolável Brabâncio: *"Se o emblema da virtude é a alvura, eu asseguro, Senhor, que o vosso genro é mais branco que escuro."* Um senador resume: *"Adeus, valente Otelo, adeus! Faze Desdêmona feliz!"* ao que Brabâncio sombriamente emenda: *"Abre os teus olhos, Mouro, e sê bem cauteloso: se ela enganou o pai, pode enganar o esposo"*.[5]

Otelo, que parte imediatamente, encarrega Iago e sua mulher Emília de transportar Desdêmona a Chipre. Iago e Rodrigo, constatando o fracasso da intriga, expressam sentimentos conflitantes. Rodrigo, que á apaixonado por Desdêmona, quer "*morrer*" porque não tem *"virtude bastante para* (se) *emendar"*, mas Iago está mais filosófico:

> **"IAGO**
> *Virtude uma figa! De nós mesmos depende sermos deste ou daquele feitio. O nosso corpo é uma horta de que o nosso arbítrio é o hortelão. De forma que se quisermos plantar nele urtigas ou semear alface, criar hissopos ou mondar tomilho, cultivar nele um só gênero de ervas, ou espécies variadas; torná-lo estéril pelo nosso ócio ou fertilizá-lo com o nosso amanho, é em nós mesmos, na nossa própria vontade que estão o alvitre e o poder para tanto. Se na balança da nossa vida não houvesse o prato da razão para equilibrar o outro prato das paixões, os nossos humores e a baixeza dos nossos instintos nos levariam às mais absurdas conseqüências."* (pág. 64)

Iago, que não quer desistir, convoca Rodrigo para continuar (*"Vem também para a guerra"*). Aconselha-o a vender metade de suas propriedades para fazer dinheiro e investir na empreitada.

> **"IAGO**
> *Não é possível que Desdêmona continue por muito tempo enamorada pelo Mouro – põe dinheiro na tua bolsa – nem ele por ela. Amor que começa violentamente tem desfecho correspondente. Põe dinheiro na tua bolsa. Esses mouros são volúveis por natureza. Enche a bolsa de dinheiro. O manjar que para ele por enquanto é adocicado como o mel, em breve lhe amargará como fel. Ela mudará porque é moça. Quando se saciar das carícias dele e perceber a esparrela em que caiu, há de querer trocá-lo por outro, se há-de!... e então... põe dinheiro na tua bolsa."* (pág. 65)

Resume sua disposição de vingança, dizendo a Rodrigo que *"mais vale enforcares-te depois de ter satisfeito o teu desejo, que te afogares sem a teres possuído."... "O motivo do meu ódio está arraigado no meu coração e assim deve estar a razão do teu. Unamo-nos, pois, para a vingança."*

Quando Rodrigo sai, Iago conta para si mesmo o plano:

---

[5] Nota do resumidor – Mais tarde ficaremos sabendo que o senador Brabâncio morreria de desgosto com este casamento.

“IAGO
Ao cabo de algum tempo, irei insinuando
aos ouvidos do Mouro que há uma grande,
uma excessiva familiaridade
entre sua mulher e Cássio... Este, que é guapo,
insinuante e belo,
foi feito para despertar ciúmes,
talhado, como está, para deitar
a perder as mulheres... Do seu lado,
por natureza, o Mouro é confiante...
Julga honestos os homens que o parecem...
Deixar-se-á conduzir pelo focinho,
docilissimamente, como um asno...
É isso! Achei!... O plano está gerado.
Agora, o diabo e a noite é que darão
à luz do mundo o monstruoso embrião.” (págs. 66-67)

Ato II

Cena I. Porto de mar na ilha de Chipre. Uma esplanada no cais.

Entra Montano, governador de Chipre que seria sucedido por Otelo, com dois gentis homens que comentam a grande tempestade[6] que havia atingido a ilha. Nota o governador que *“se a armada turca não se abrigou nalguma enseada ou porto, deve ter ido a pique. É impossível resistir à tormenta”*. Entra um terceiro gentil-homem que confirma as *“desastrosas perdas e soçobro quase total da armada deles”*.

A armada veneziana também havia se dispersado na tempestade, por isso chegara antes Cássio, *“bastante apreensivo, rogando aos Céus que se salve o Mouro, do qual o separou o temporal no mar”*. Chega também, com uma semana de antecipação, a nau de Iago trazendo, *“sã e salva, a divina Desdêmona!”* Cássio recebe a comitiva e faz elogios à Emília. Iago destila grosserias e ironias sobre as mulheres em geral: *“no trabalho doméstico, ociosas; diligentes e ativas... só na cama”... “levantam de manhã... para os ócios... do lar... de noite deitam para trabalhar.”* Pressionado por Desdêmona a fazer comentários especificamente sobre ela, após certa hesitação, comenta: *“Bela, clara e sutil, usa o espírito e o apura em saber como usar a sua formosura”* e outras observações irônicas. Desdêmona, mantendo o bom humor, diz dele ser *“o mais atrevido e irreverente dos tagarelas”*. Quando Cássio se afasta com Desdêmona, que lhe oferece a mão, Iago comenta à parte:

“IAGO
Pega-lhe na mão... hum, muito bem, muito bem... Anda, cochicha-lhe no ouvido... Será com uma teia diáfana como essa que apanharei um moscardo do tamanho desse Cássio... Aí... sorri para a tua bela... assim... Corteja-a bem, enquanto eu cá formo o cortejo das tuas desgraças... Fazes bem... é assim mesmo...” (pág. 79)

Chega finalmente a embarcação de Otelo que recebe Desdêmona chamado-a *“Minha bela guerreira”: “se para mim agora as tempestades serão seguidas de uma tal bonança, então rujam os ventos insofridos até que a morte acorde...”* Desdêmona responde dizendo que *“Deus há de permitir que o nosso amor e seus prazeres todos na medida do tempo aumentem sempre.”* Mas enquanto Otelo comemora o encontro com sua amada, Iago conspira:

IAGO *(á parte)*
Como estais afinados! Mas deixai,
que, ou não me chamo Iago,

[6] Nota do resumidor – Referência ao afundamento por uma tempestade, em 1588, da Grande Armada de Filipe II, fato contemporâneo a Shakespeare e que deu à Inglaterra o domínio dos mares. Há tempestades também em “Rei Lear” e “A Tempestade”.

ou já vou afrouxar essas cravelhas
e era uma vez a bela melodia! (pág. 81)

Começando a execução do plano, Iago comenta com Rodrigo ter notado que Desdêmona "estaria louca" por Cássio e que *"uma vez saciado o ardor dos sentidos pela prática do prazer, para que ele torne a se inflamar e dê à saciedade um novo apetite, é preciso que sobrevenha a fascinação da beleza, a conformidade das idades, do gosto, sedução de maneiras, - tudo isso de que o Mouro é desprovido."* Rodrigo não acredita nesta hipótese porque acha que Desdêmona é virtuosa. Iago retruca: *"Virtuosa só na casca! O vinho que ela bebe é feito de uvas."* Iago manda Rodrigo provocar Cássio para uma briga naquela noite, ocasião em que Iago iria aproveitar-se para desmoralizar publicamente o lugar-tenente.

Depois que Rodrigo sai, Iago faz nova reflexão.

"IAGO
Que Cássio ama Desdêmona, acredito;
E que é amado por ela, é bem provável.
Embora odiando o Mouro, reconheço
que, além de nobre, é fiel e carinhoso,
devendo ser um ótimo marido.
Ora, sucede que também a quero,
não por carnal concupiscência apenas
(conquanto eu não esteja nada isento
de tal pecado),mas também em parte
por um igual desejo de vingança,
pois que suspeito que o lascivo Mouro
andou a cavalgar na minha sela.
Já essa idéia só, como um veneno,
me corrói as entranhas. E por isso
que nada, nada, acalmará a minha alma,
até o dia em que eu lhe dê o troco:
é mulher por mulher!" (pág. 84)

Cena II. Uma rua de Chipre.

Um arauto anuncia festas públicas para comemorar a derrota da armada turca e as núpcias de Otelo, o novo governador de Chipre.

Cena III. Uma sala do castelo.

Com a cidade em festa, Otelo incumbe Miguel Cássio de providenciar para *"que seja observado o justo limite de discrição que até os divertimentos devem obedecer"*. Miguel Cássio diz já ter encarregado Iago. Otelo, Desdêmona e séquito saem. Entra Iago e, com grosseria, refere-se a Desdêmona como um *"petisco digno de Júpiter"* e incentiva Cássio, que *"tem a cabeça fraca para a bebida"* a tomar vinho com os outros oficiais que Iago já se incumbira de embriagar. Cássio, alterado pela bebida, não consegue colocar a postos a guarda, que havia bebido mais do que ele. Durante a cena, Iago comenta maliciosamente com Montano que Cássio é useiro em embriagar-se: *"Isso é sempre o prólogo do seu sono"*.

Chega Rodrigo, igualmente bêbado, e conforme o plano, ofende e desafia Cássio que reage: *"Vou surrá-lo tanto, que ele depois parecerá uma garrafa empalhada."* Começa uma briga envolvendo vários homens. Iago aproveitando a situação manda espalhar por Rodrigo que estava acontecendo um motim. Chega Otelo, alertado pela gritaria. Montano desfalece dizendo-se mortalmente ferido. Otelo pede explicações: *"Transformamo-nos, por acaso, em turcos, para nos fazermos a nós mesmos o que o Céu não permitiu que eles nos fizessem?"* Iago em princípio faz-se de desentendido, mas aos poucos vai comprometendo Cássio

como causador do distúrbio. Enganado pela malícia de Iago, Otelo destitui Cássio do cargo de tenente: *"Cássio, apesar de continuar a estimar-te, não será mais meu imediato"*.

Sozinho com Iago, ainda embriagado e sem se dar conta do plano de que foi vítima, Cássio lamenta-se:

> **"CÁSSIO**
> *Reputação! Reputação! Reputação! A minha está perdida! O que em mim era imortal, lá se foi! Resta-me apenas a parte animal. Minha reputação, Iago, minha reputação!*
>
> *(...)*
>
> **CÁSSIO**
> *Eu, um oficial, bêbado! Desapontar, levianamente, impudentemente, um comandante tão bom! O que eu mereço mesmo é o seu desprezo. Embebedar-se a gente! tagarelar! como papagaio! e brigar! gritar fanfarronadas! praguejar! investir contra a própria sombra com arengas ridículas! Ó espírito invisível do vinho! Se não tens nome com que te chamem, eu te batizo demônio!"* (págs. 96-97)

Iago tenta consolar Cássio estabelecendo um plano para sua reabilitação: *"A mulher do nosso general é que é o general agora... Confessa-te francamente a ela. Importuna-a para que te ajude a recobrar o posto... Aposto tudo contra nada em como a tua amizade com o Mouro, hoje rota, ficará mais sólida que antes."* Insiste em que se trata de *"conselho de amigo sincero, ditado pela estima e pela lealdade"*. Depois da saída de Cássio, Iago faz considerações cínicas:

> **"IAGO**
> *E quem pode dizer que o meu papel*
> *é infame, se o conselho que estou dando*
> *é leal, é eficiente, é generoso?*
> *E, porventura, não indica ele*
> *o único meio certo e razoável*
> *de este Miguel reconquistar o Mouro?*
> *Nada mais fácil, dado o seu feitio,*
> *do que levar Desdêmona a querer*
> *interceder por uma causa justa!"* (pág. 99)

Entra Rodrigo, machucado e trôpego, dizendo que com as pancadas que levou lhe entrou *"algum juízo no corpo"* com que, embora depenado, iria voltar para Veneza, enfastiado daquela situação. Iago responde: *"Ai dos impacientes deste mundo!"* e o convence a continuar tentando. Quando Rodrigo sai, Iago conclui:

> **"IAGO**
> *Ainda faltam duas coisas...*
> *Fazer com que minha mulher disponha*
> *A patroa em favor de Miguel Cássio...*
> *Vou convecê-la disso!*
> *Em seguida, chamar Otelo à parte*
> *e acomodar as coisas de tal modo*
> *que ele surpreenda Cássio no momento*
> *exato em que este já estiver falando*
> *com Desdêmona... É isso! E mãos à obra!*
> *Qualquer delonga estraga-me a manobra".*(pág. 101)

Ato III

Cena I. Chipre. Defronte do castelo.

No dia seguinte, a pedido de Miguel Cássio, músicos tocam. Entra o Bobo e diz à orquestra que *"o General gostou tanto de vossa música que vos pede, encarecidamente, que não façais nenhum barulho com ela"* e completa: *"Se sabeis alguma música que não se ouça, podeis tocá-la."*

Cássio pede a Emília, dama de companhia de Desdêmona, que lhe favoreça uma entrevista com a senhora. Emília diz que Desdêmona já havia sido informada do caso dele (por ela própria) e que o *"defende com todo o ardor"*. Como ele insiste em falar pessoalmente com a senhora, a aia o acompanha aos aposentos do palácio.

Cena II. Chipre. Uma sala do castelo.

Otelo manda por Iago cartas ao navio que parte para Veneza e, em seguida, sai para inspecionar as fortificações.

Cena III. Chipre. Defronte ao castelo.

Desdêmona assegura Cássio que fará por ele *"tudo o que esteja a (seu) alcance"*... e declara, usando Emília como testemunha, que havia *"se tornado a responsável"* pelo posto dele a partir daquele momento.

> **"DESDÊMONA**
> *Privando-o de dormir, hei de amansá-lo;*
> *irritá-lo, de tanto lhe falar.*
> *Transformarei seu leito numa escola*
> *e num confessionário a sua mesa.*
> *Misturarei a tudo o que ele faça*
> *a tua pretensão. Alegra-te, portanto,*
> *que a tua defensora há de primeiro*
> *perder a vida que abrir mão da causa."*(pág. 112)

Chegam Otelo e Iago. Miguel Cássio despede-se de Desdêmona e sai constrangido. Os recém-chegados o entrevêem saindo.

> **"OTELO**
> *Não foi o Cássio, que se despediu de Desdêmona?*
>
> **IAGO**
> *Cássio, meu senhor?*
> *Certamente que não. Não posso crer*
> *que se esgueirasse, como um criminoso,*
> *só por vos ver chegar."* (pág. 113)

Desdêmona explica ao marido que havia estado lá um postulante, alguém que *"incorreu no desagrado* (dele) *e que sofre com isso"*.

> **"OTELO**
> *E quem é este?*

Desdêmona
Cássio, o vosso Tenente. Se é que tenho
alguma influência e a graça de tocar-vos
o coração, fazei as pazes logo
com Miguel Cássio. Pois se há alguém que vos estime
e que só tenha errado involuntariamente
e nunca de má fé, - ele é esse alguém.
Ou não sei distinguir as pessoas honestas.
Reintegrai-o!" (pág. 113)

Desdêmona insiste com o marido que resolva a situação de Cássio em no máximo três dias. Pressionado, Otelo concorda: *"Basta! Não digas mais. Ele que volte quando quiser. A ti nada posso negar."*

Quando Desdêmona e Emília saem, Iago envenena Otelo:

"Iago
Quando vós cortejáveis a senhora,
já dos vossos amores Miguel Cássio
acaso estava a par?

Otelo
Inteiramente a par. Porque perguntas?

Iago
Eu estava pensando numa coisa.
Nada de mal." (pág. 116)

Otelo começa a cair na armadilha: *"Tu tens alguma coisa na cabeça! Ainda há pouco, ao despedir-se Cássio de Desdêmona, ouvi murmurares que aquilo não te agradava. O que é que não te agrada... Se me estimas, abre-me o coração."* Iago diz que julga Cássio um homem de bem, mas completa maliciosamente que *"os homens deviam ser aquilo que parecem. Ou pelo menos que não parecessem aquilo que não são."* Iago insinua que sabe coisas escabrosas e minimiza hipocritamente: *"Eu posso estar errado em minhas conjecturas, senhor. Pois vos confesso que, em mim, é uma segunda natureza o vezo inveterado de farejar em toda parte abusos"* e pede hipocritamente ao general que não dê atenção *"a quem é tão propenso a julgar tudo mal."* Pressionado por Otelo, cada vez mais enciumado, Iago move mais uma peça do tabuleiro:

"Iago
Meu senhor, livrai-vos do ciúme!
É um monstro de olhos verdes, que escarnece
do próprio pasto de que se alimenta.
Que felizardo é o corno
que, cônscio de que o é, não ama a sua infiel!
Mas que momentos infernais padece
o que, amando, duvida, e, suspeitando, adora!" (pág. 119)

Otelo diz que não é do tipo que se deixa torturar por ciúmes:

"Otelo
... Ah! Isso, não, Iago!
Antes de duvidar, eu quero ver;
se duvidar, procurarei a prova.
E, conforme seja esta, é só mandar
de vez ao diabo o amor ou o ciúme!" (pág. 120)

Iago aconselha o Mouro a vigiar sua esposa: *"Observa-a bem com Miguel Cássio. Olhai-a atentamente, com olhos nem zelosos, nem confiantes demais."... "Ela enganou o pai para casar convosco... Mas, senhor, como estais perturbado!"*

Iago faz mais um avanço, quando Otelo reconhece que *"a natureza às vezes se transvia..."*:

“**Iago**

Aí é que pega o ponto!
Sejamos francos: recusar propostas
de casamento de ótimos partidos,
de patrícios da mesma cor e meio,
ao contrário do que seria natural...
Isso não cheira bem... Faz pensar em instintos
viciosos... anormais inclinações...
depravação de gosto... Mas, perdão!
Não é dela que falo especialmente...
ainda que seja para recear
que ela, caindo em si, comece a comparar-vos
com os seus patrícios e depois... quem sabe?
talvez acabe por se arrepender...

Otelo
Adeus! Até mais tarde!
Se perceberes mais alguma coisa,
avisa-me. Encarrega
tua mulher também de vigiar.
Deixa-me só, Iago.” (pág. 122)

Encerrando a conversa, Iago elogia os méritos de Cássio, mas sugere a Otelo que, por prudência, *“seria preferível conservá-lo afastado por enquanto...”*

Quando Iago sai, Otelo reflete com amargura e conclui: *“Fui traído! E o meu recurso é execrá-la!”* Ele medita sobre o casamento:

“**Otelo**
É a maldição de todo matrimônio:
nós podemos dizer que essas frágeis criaturas
são nossas, isso sim. Mas que os seus apetites
são nossos, isso nunca!
Preferia ser sapo e viver do fartum
de um esgoto, a ceder ou partilhar com outrem
uma nesga sequer daquilo que eu adore!
Praga que pesa sobre os seres invulgares:
ceder lugar ao vulgo nestes casos...
É uma fatalidade como a morte,
a predestinação para esta praga:
ao primeiro vagido, o destino nos chifra!...
Ei-la que vem. Se uma criatura assim
pode ser infiel, é que o céu escarnece
de si mesmo. Não posso crer tal coisa.” (pág. 124)

Entram Emília e Desdêmona que percebe a perturbação do marido: *“Porque essa voz tão rouca? Por acaso não estais passando bem?”* Otelo diz que lhe dói a cabeça que ela tenta atar com um lenço bordado, o primeiro presente de Otelo à mulher. O lenço é muito pequeno e ela o deixa cair no chão para se dedicar a Otelo. Quando ela sai com o marido, Emília rapidamente apanha o lenço que Iago lhe havia pedido *“cem vezes que* (ela) *roubasse”* e diz para si mesma:

“**Emília**
Vou mandar copiar um igualzinho
e dá-lo-ei como presente a Iago.
Ah! Só Deus sabe para que será
que ele quer tanto o lenço. Eu cá é que não sei.
Mas ao menos com isso
posso satisfazer o seu capricho.” (pág. 125)

Sem que a mulher saiba, Iago planeja deixar o lenço no quarto de Miguel Cássio, parte essencial do plano para convencer o crescentemente inseguro Otelo da infidelidade da mulher, embora tudo funcione como previsto: *"Já sob o efeito do meu veneno o Mouro está mudado. Nesses temperamentos, as suspeitas agem como peçonhas, que a princípio provocam náusea apenas, mas depois, atuando sobre o sangue, logo queimam como poços de enxofre."*

Entra Otelo perturbado e irritado. Diz a Iago: *"Antes sermos traídos cem mil vezes que suspeitar uma só vez que o somos!"* e exige provas das insinuações que ele tem feito:

> "**OTELO**
> *Infame!*
> *Trata já de provar que o meu amor não passa*
> *de uma rameira! Dá-me uma prova ocular,*
> *que eu quero ver com estes meus próprios olhos!*
> *Senão, fôra melhor teres nascido cão*
> *que enfrentar minha cólera, eu te juro!*
>
> **IAGO**
> *Mas chegastes a tanto?*
>
> **OTELO**
> *Faz que eu veja!*
> *Ou pelo menos prova-o de tal forma*
> *que a prova nem sequer deixe uma fresta,*
> *por mínima que seja,*
> *por onde a menor dúvida se esgueire!*
> *Do contrário, ai de ti!"* (pág. 128)

Iago faz-se de ofendido: *"Ser honesto e leal é perigoso! Que me sirva de lição! E doravante não serei mais amigo de ninguém, pois que a amizade gera tais ofensas."* Otelo está cada vez mais perturbado:

> "**OTELO**
> *Isto é um inferno! Ao mesmo tempo julgo*
> *minha mulher honesta e desonesta;*
> *penso, às vezes, que falas a verdade*
> *e logo após parece-me que mentes.*
> *Quem me dera uma prova! O nome dela, que antes*
> *era límpido como a face de Diana,*
> *se enegreceu como o meu próprio rosto.*
> *Se há cordas e punhais, veneno, fogo*
> *E pélagos que afogam,*
> *Porque suportar isto? Ah! Se eu tivesse provas!"* (pág. 129)

Iago promete entregar as provas e começa contando a mentira de que, tendo se alojado uma noite nos aposentos de Cássio, ouviu o tenente falando durante o sono: *"Desdêmona querida, precisamos ocultar com cuidado o nosso amor"*. Mais do que isso, Cássio pensando ali estar Desdêmona e não Iago, teria se posto "*a apertar a minha mão, exclamando: 'Oh! Querida da minha alma!' E me beijava tanto e com tal fúria, qual se fosse arrancar pelas raízes os beijos que florissem nos meus lábios. Depois passava as pernas sobre as minhas e a me beijar, dizia, entre suspiros e ais: 'Maldita a sorte que te deu ao Mouro!' "*

Iago apressa-se em confirmar que havia sido um sonho, mas Otelo está furioso: *"Vou cortá-la em pedaços"*. Iago pede prudência a Otelo, mas não deixa de "lembrar-se" de ter visto na mão de Cássio um determinado lenço *"bordado com morangos"*. Otelo reconhece o primeiro presente que havia dado à mulher. Iago confirma:

> "**IAGO**
> *Não sabia; porém, Cássio enxugou a barba,*
> *hoje, com um lenço assim. E ou eu muito me engano,*
> *ou era mesmo o tal da vossa esposa."* (pág. 131)

Otelo, que está explodindo com a tensão, diz que tem *"o peito estofado de serpentes"*. Iago pede-lhe calma para não se arrepender depois, mas Otelo está quase fora de si:

> "**OTELO**
> *Jamais,*
> *Iago, jamais! Tal como o mar do Ponto,*
> *cujas frias correntes impetuosas*
> *jamais refluem e antes vão direto*
> *ao Propôntido mar e ao Helesponto,*
> *assim meus pensamentos sanguinários.*
> *No seu curso veloz, sem olhar para trás,*
> *sem refluir jamais para um amor humilde,*
> *irão avante, até que possam desaguar*
> *no vasto sorvedouro da vingança!*
> *Por este céu marmóreo e com esta reverência,*
> *que é a dos votos sagrados, nisso empenho*
> *minha palavra!"* (pág. 132)

Iago declara-se solidário ao Mouro e jura teatralmente fidelidade ao ultrajado Otelo. *"Que ele ordene o que for e cegamente eu obedecerei. Seja para matar!"* Otelo agradece a lealdade e faz dele o seu tenente. Iago agradece: *"Sou vosso para sempre"*.

Cena IV. Chipre. Diante do castelo.

Desdêmona, seguida sempre de Emília, pergunta ao Bobo do paradeiro do tenente Miguel Cássio. Como ele não sabe (*"Dizer que se aloja aqui, ou que se aloja lá, é alojar uma mentira aqui ou uma mentira lá."*), pede a ele que o procure e diga que já havia *"disposto o marido a favor dele"* e que espera que *"tudo se há de arranjar"*.

Desdêmona pergunta-se onde teria deixado seu lenço e Emília, perguntada, mente dizendo não fazer a menor idéia. Desdêmona lamenta a perda:

> "**DESDÊMONA**
> *Pois podes crer que eu preferia ter perdido a minha bolsa cheia de cruzados.*
> *E se o meu nobre Mouro não fosse limpo de pensamento e isento de*
> *ciumeiras tolas, isso era bastante para despertar-lhe certas idéias.*
>
> **EMÍLIA**
> *Ele não é ciumento?*
>
> **DESDÊMONA**
> *Quem? Ele? Creio que o sol, sob o qual nasceu,*
> *purgou o seu sangue de tais humores."* (pág. 136)

Chega Otelo e pede a Desdêmona o lenço que ele lhe havia dado. O Mouro explica que o lenço havia sido dado à mãe dele *"por uma cigana"* e que aquele objeto, enquanto na posse de sua mãe, garantia que o pai dele permaneceria *"submisso aos seus encantos e ao seu amor"*. Otelo insiste em ver o lenço, mas ela, sem dar importância ao caso, insiste por sua vez em que ele resolva a pendência do cargo de Cássio. Cada vez mais irritado, Otelo sai.

Chegam Iago e Cássio que revela-se desesperançado: *"a meu pesar embora, terei de me resignar e abraçar outra carreira qualquer, entregando-me a mim mesmo e à proteção da sorte."* Desdêmona revela sua impotência: *"O meu marido já não é o mesmo marido. E se estivesse mudado de semblante como está de gênio, eu não poderia reconhecê-lo."* Desdêmona atribui aquele comportamento a *"algum negócio de*

Estado, a alguma notícia de Veneza”. Conclui que os *“homens não são deuses. Não se deve esperar deles que se comportem sempre como no dia das núpcias.”* Desdêmona sai com Emília, pedindo paciência a Cássio.

Chega Branca, uma prostituta amante de Cássio, reclamando de seu “desaparecimento” que ele atribui às tribulações recentes. Ele lhe mostra um lenço bordado: *“Achei-o no meu quarto. Achei muito bonito o bordado. E antes que me venham reclamá-lo, como certamente virão, queria ter uma cópia dele. Leva-o e copia para mim.”*

Ato IV

Cena I. Chipre. Defronte do castelo.

Iago continua provocando Otelo: *“E se* (Desdêmona) *ficasse nua, uma hora ou mais, na cama, com um amigo, mas sem maldade alguma”*, o que Otelo acharia? Iago envenena mais Otelo dizendo que Cássio andava *“chacoalhando o seu triunfo por aí a fora.”* Otelo sofre um ataque e cai, enquanto Iago comenta:

> **“IAGO**
> *Atua, meu veneno, atua! É assim*
> *que se apanham os crédulos e os tolos*
> *e que muita mulher virtuosa e pura*
> *é infamada sem culpa. Olá, senhor, olá!*
> *Senhor Otelo!”* (pág. 149)

Chega Cássio e presencia o ataque epilético de Otelo. Quer ajudar, mas Iago diz que não, porque *“é necessário que o letargo tenha um curso tranqüilo e natural.”* Quando Otelo se recupera, ouve de Iago que, durante a crise, Cássio havia estado ali e que ao voltar haveria a demonstração da sua culpa: *“ocultai-vos agora e ficai observando a expressão de sarcasmo e os risinhos de mofa que em seu rosto se estamparão, quando ele me falar.”* (Enquanto Otelo se esconde, Iago diz ao público que fará Cássio falar de Branca como se fosse Desdêmona.) Cássio volta e ingenuamente entra na conversa de Iago, fazendo declarações explícitas, pensando tratar-se de Branca: *“Eu, casar-me com ela? Com uma prostituta? Por favor, não faças tão pouco caso do meu juízo! Achas que sou doido? Ah! Ah! Ah!...”*

Chega Branca e atira o lenço na cara de Cássio dizendo: *“e queres que eu acredite que não é presente de alguma sirigaita descarada? E vais ao ponto de quereres que eu copie o ponto do bordado, heim? Pois, toma-o. Entrega-o de novo à tua eguinha.”* Branca sai e Cássio vai atrás dela. Otelo, que reconheceu o lenço, reaparece do esconderijo, diz querer *“levar nove anos a matá-lo aos poucos”* e decide matar Desdêmona naquela noite, estrangulando-a (sugestão de Iago).

Chegam o senhor Ludovico, representante de Veneza recém-desembarcado e Desdêmona, sua prima. Ludovico pergunta pelo tenente Miguel Cássio que deveria ficar no comando, porque Otelo iria se ausentar da ilha. O Mouro trata a todos muito mal, Desdêmona chora e Ludovico o censura por fazer sua prima chorar. O comportamento de Otelo preocupa todos. Iago comenta: *“Está muito mudado”*.

Cena II. Chipre. Uma sala no castelo.

Otelo interroga Emília sobre o comportamento de Desdêmona e Cássio, mas ela afirma que nunca viu nada de errado, assegurando que *“ela é honesta, meu senhor.”*

“**Emília**
Se ela não é fiel, honesta e casta,
então não há marido algum feliz no mundo,
pois a mais pura dentre as esposas mais puras,
em confronto com ela é suja como a infâmia.” (pág. 162)

Quando Emília sai, Otelo, desconfiado dela, imagina *“que alcoviteira iria ser tão imbecil que não fizesse o mesmo?”* Entra Desdêmona e Otelo pede-lhe: *“Deixe-me ver teus olhos. Olha bem para mim.”* Desdêmona, assustada, diz ao marido que sente em suas palavras *“um violento furor, mas não entende nada!”* Ele faz com que ela jure pela sua castidade e ela conclama o Céu como testemunha. Ela se declara honesta e ele a compara com *“as moscas do verão, que nos açougues, umas sobre as outras, desovam na sujeira.”*

“**Desdêmona**
Oh! meu Deus! Que fiz eu de mal sem o saber?

Otelo
Pois este pergaminho alvíssimo, esse livro
tão precioso terá sido feito
para escrever-se nele ‘prostituta’?
Que fizeste de mal? E ainda perguntas?
A mim? Ò vaso público! Bastava
que eu pensasse em narrar tuas façanhas,
para que uma fornalha ardesse no seu rosto
e reduzisse a cinzas o pudor.
Que fizeste de mal? Se eu o disser,
o sol tapa o nariz e a lua baixa os olhos.
E até o próprio vento abelhudo e escabroso,
que anda beijando tudo quanto encontra,
se encolheria, mudo e quieto, nas cavernas
da terra, para não me ouvir falar!
Que fizeste de mal, sua rameira?

Desdêmona
Vós me ultrajais! Eu juro-o pelo Céu!

Otelo
O que! Pois não é uma prostituta?

Desdêmona
Não, não! Tão certo como ser cristã!
Mas se ser prostituta é me guardar
só para o meu senhor, tal como um santo vaso
preservado de todo ilícito contato,
então eu sou.

Otelo
Não és adúltera, tampouco?

Desdêmona
Não, pela minha salvação o juro!

Otelo
É possível? Será?

Desdêmona
Deus nos perdoe! (págs.165-166)

Com a chegada de Emília, Otelo sai precipitadamente da sala. Sem saber o que fazer, Desdêmona pede a Emília que convoque Iago, que ela supõe ter influência sobre o marido, a quem ela pergunta se ela merece o nome de prostituta. Ele desconversa teatralmente:

“**Iago**
Não choreis, não choreis. Mas que desgraça!

EMÍLIA
E foi então para que lhe atirassem
no rosto tal injúria,
para que lhe chamassem prostituta,
que ela enjeitou tantos partidos bons
e deixou pai, família, amigos, pátria, tudo?

DESDÊMONA
É a minha má estrela!

IAGO
Mal haja ele por isto!
Como se lhe meteu tal coisa na cabeça?

DESDÊMONA
Só Deus sabe!" (pág. 168)

Desdêmona pede a Iago que a ajude a reconquistar o seu senhor protestando absoluta inocência (*"nem por todos os bens do mundo, nunca praticaria um ato que pudesse corresponder a essa palavra horrível"*) e ele lhe diz que tudo acabará bem.

Um pouco mais tarde, Rodrigo cobra de Iago resultados do plano dizendo que *"metade das jóias de mim que levaste para dar a Desdêmona daria para subornar e seduzir uma freira."* Iago garante o desfecho para o dia seguinte e revela que as ordens de Veneza investiam Miguel Cássio no lugar de Otelo que deveria ir com Desdêmona para a Mauritânia, a menos que algum imprevisto prolongasse sua estada ali: *"E que imprevisto mais decisivo que a baixa de Cássio?"*

Iago combina com Rodrigo de conduzir, naquela noite, Cássio para uma cilada. Como Rodrigo está em dúvida, Iago diz que vai demonstrar-lhe tão claramente a absoluta necessidade da morte dele, *"que* (ele) *próprio* (se) *achará na obrigação de matá-lo"*.

Cena III. Chipre. Ante-sala dos aposentos de dormir de Desdêmona.

Após a ceia em homenagem à comitiva de Veneza, na qual se incluía Graciano, irmão do senador Brabâncio, Otelo acompanha Ludovico até os seus aposentos, não sem antes mandar Desdêmona ao quarto do casal com a recomendação de que despachasse sua aia. Emília, a pedido da senhora, havia feito a cama do casal com os lençóis do casamento. Quando Desdêmona vê o leito preparado...

"DESDÊMONA
Mas não era preciso...
A gente tem, às vezes, cada idéia!
Se eu vier a morrer antes de ti,
quero que me amortalhes
num daqueles lençóis..". (pág. 176)

Enquanto se despe, Desdêmona canta a "canção do salgueiro" aprendida com Bárbara, uma criada de sua mãe. A canção fala de morte: *"Do salgueiro farei a minha mortalha*[7]*..."* Antes de Emília sair, Desdêmona quer saber dela se ela trairia o marido para ter *"o mundo em suas mãos"*.

"EMÍLIA
O mundo é imenso; é um prêmio
alto demais, para tão pouca coisa.

---

[7] Nota do resumidor – Trata-se da mesma situação da morte de Ofélia em "Hamlet", afogada num poço sob um salgueiro."

DESDÊMONA
Sinceramente, acho que não farias.

EMÍLIA
Acho sinceramente que o faria.
E depois de o ter feito, o desfaria...
É claro que não o faria por um anel, nem por umas medidas de cambraia,
nem por vestidos, saias, chapéus ou por qualquer outra insignificância.
Mas pelo mundo inteiro! Quem não poria uma coroa de chifres no marido,
para o tornar monarca? Por tal prêmio, arriscaria até o purgatório!

DESDÊMONA
Pois maldita fosse eu, se cometesse
tal erro em troca deste mundo inteiro!

EMÍLIA
Ora, esse erro só é erro perante o mundo. Desde que, em recompensa do
vosso erro, o mundo passasse a ser vosso, o erro seria um erro num mundo
que vos pertenceria e, então poderíeis a vosso talante transformá-lo em
acerto. O errado passaria a certo.

DESDÊMONA
Não creio que haja mulheres assim.

EMÍLIA
Se há! Às dúzias! E tantas, que muitas poderiam ir de quebra, na troca com o
mundo que servisse de recompensa a tal erro e para a obtenção do qual elas trabalham.
Mas acho que é por culpa dos maridos
que caem as mulheres. Ou porque eles
afrouxam seu ardor e vão verter
em regaços estranhos o que é nosso...
ou senão porque irrompem com ciumeiras
impertinentes e nos trazem presas...
Seja porque nos batem, ou, enfim,
porque em casa reduzem-nos os gastos
com mesquinhez, - o fato é que, se erramos,
são eles os culpados. Que diabo,
nós também temos fel! E, ainda que mansas,
sabemos nos vingar.
Convençam-se os maridos de uma coisa:
que as mulheres, como eles, têm sentido;
que vêem, cheiram e têm paladar,
tal qual como eles, para distinguir
o que é doce e o que é amargo. O que é que os leva
a nos trocar por outras? A vontade
de variar? Pois bem, vá lá que seja.
Arrasta-os a paixão? Vá lá, também.
É por fraqueza que erram? Sim, que seja.
E, porventura, cá do nosso lado,
nós não teremos, como os homens têm,
paixões também, ânsias de variar
e fraquezas da carne? Pois, então,
que eles nos tratem bem, ou senão saibam
que é só para mal deles, afinal,
que tão bem nos ensinam a agir mal.

DESDÊMONA
Boa noite. Que eu jamais o mal com o mal aprenda
e, antes, para agir bem, me sirva ele de emenda! (págs. 179-180)

ATO V

Cena I. Chipre. Uma rua.

O plano da tocaia segue em frente. Num local escuro, Rodrigo está oculto. Iago calcula que, no caso da morte de Rodrigo, ficaria com as jóias que *"astutamente lhe arrancou das mãos sob o pretexto de presentear Desdêmona em seu nome"* e, no caso da morte de Cássio, ele não poderá ser desmascarado. Haveria lucro em qualquer desfecho. À passagem de Cássio, Rodrigo, coberto pelas sombras, dá-lhe uma estocada que não o mata por causa de seu gibão de malha densa. Cássio puxa a espada e fere Rodrigo. Iago sai do esconderijo e fere Cássio pelas costas. Há grande agitação e gritaria. Nos seus aposentos, Otelo conclui pelos ruídos que o *"honesto Iago"* havia cumprido sua palavra. Todos correm atender a Cássio que se lamenta aos brados de seus ferimentos. Iago pergunta fingindo indignação: *"Quais foram os bandidos que te fizeram isso?... Miseráveis cães!"* Chega Rodrigo, ferido, para pedir ajuda e Iago o atinge com a espada, "confundindo-o" com um dos ladrões que haviam atacado Cássio. Chega Branca e atende Cássio que se esvai em sangue. Chega Emília e Iago explica:

> **"IAGO**
> *Cássio foi atacado de emboscada,*
> *Na escuridão da noite,*
> *pelo Rodrigo e uns outros que fugiram.*
> *Cássio quase foi morto e Rodrigo morreu."* (pág. 189)

Como Branca é a última pessoa que havia estado com Cássio, Iago a prende teatralmente e, à parte, comenta: *"Meu destino esta noite se traça; ou o triunfo completo ou a total desgraça."*[8]

Cena II. Chipre. Quarto de dormir no castelo. Desdêmona dorme no leito, junto ao qual arde uma candeia.

> **"OTELO**
> *É o motivo, minha alma, é o motivo...*
> *Não o direi a vós, castas estrelas!*
> *É o motivo... Não verterei seu sangue,*
> *não ferirei a sua pele branca,*
> *mais alva do que a neve, mais macia*
> *que o alabastro dos túmulos...*
> *Mas deverá morrer, para que nunca mais*
> *engane a mais ninguém!...*
> *Primeiro apagarei esta luz... depois, esta...*
> *Se extinguir o clarão serviçal desta flama*
> *e, após, me arrepender de tê-lo feito,*
> *poderei reavivá-lo...*
> *Mas se apagar a tua luz, a ti,*
> *- criação modelar da natureza!*
> *que Prometeu jamais com a sua chispa*
> *poderá reacendê-la? Uma vez arrancada*
> *a rosa do seu pé, não me é dado soprar-lhe*
> *novo alento vital... e ela tem de murchar.*
> *Quero aspirá-la ainda no seu caule!*
> *(Beija Desdêmona)*
>
> *Balsâmico respiro,*
> *tu serias capaz de levar a Justiça*
> *a quebrar sua espada!*
> *Um beijo mais... mais um...*

[8] Nota do resumidor – No original consta: *"This is the night that either makes me or fordoes me quite"*, que poderia ter sido traduzido como *"é esta noite que me valerá ou me destruirá"*, valorizando a ambigüidade da palavra "noite".

(Beija-a novamente)

Conserva-te tal qual estás, quando morreres!
Vou matar-te... e te amar depois de morta...
Mais um: o derradeiro! Nunca um beijo
tão doce terá sido tão fatal!

(Beija-a mais uma vez)

Eu preciso chorar... Mas as lágrimas são
amargas... Minha dor, como o castigo
do Céu, destrói aquilo que mais ama.
despertou..." (págs. 191-192)

Desdêmona desperta e Otelo lhe pergunta se ela lembra de algum pecado pelo qual ainda não havia rogado a indulgência do Céu e pede que ela o faça naquele momento: *"Não quero que a morte venha surpreender-te em estado de pecado. Não! Deus me livre disso! Deus me livre de matar a tua alma!"* Otelo acusa Desdêmona diretamente de traí-lo com Miguel Cássio e, embora ela tudo negue, ele insiste: *"Tens de morrer"*. Ela suplica poder viver mais uma noite (*"Deixai que eu viva só por esta noite"*... *"meia-hora ao menos"*), mas ele a asfixia.

Emília, que veio comunicar os crimes ao casal, bate insistentemente na porta do quarto:

"OTELO
Ah! É Emília. Um momento!... Já está morta...
Vem contar-me na certa o fim de Cássio...
Deve ter dado muito o que falar...
Já está imóvel... muda como um túmulo...
Devo deixá-la entrar? Será melhor? Parece
que ainda se mexe... Não! Que farei? Se ela entrar
há de querer falar com a minha mulher...
Minha mulher... Mulher... Mas que mulher?
Já não tenho mulher! Oh! Isso é insuportável!
Ó momento funesto! Quem me dera
viesse agora um eclipse total
do sol, da lua, e o globo, em pânico e desordem,
se rachasse! (pág. 196)

Ao saber dos acontecimentos, Otelo atribui os crimes à lua: *"aproximou-se demais da terra e torna os homens loucos"*. Emília ouve gemidos e acode ao leito onde Desdêmona moribunda murmura inocência e se despede dizendo que ninguém lhe havia feito aquilo, exceto ela mesma: *"ninguém... Eu mesma... Dá lembranças minhas ao meu senhor querido... adeus... adeus..."*

Otelo deixa claro que ele a havia matado por ter se corrompido, tornando-se *"uma rameira"* e indica o marido de Emília, Iago, como fonte das informações. A aia atira-lhe na cara ter sido enganado. O Mouro a ameaça, mas ela não o teme:

"EMÍLIA
Para fazer-me mal não tens nem a metade
da força que terei para aturá-lo.
Ó crédulo imbecil e turvo como a lama!
Bela coisa fizeste! A tua espada
eu não a temo e vou desmascarar-te,
ainda que depois me mates vinte vezes!
Socorro! Assassinato! Acudam-me! Assassino!
O Mouro assassinou minha patroa! (pág. 200)

Os gritos de Emília atraem todos, incluindo Iago que, acusado de caluniador por sua mulher, responde: *"Eu disse o que pensava e não foi mais que aquilo que ele próprio julgou que era patente e justo."*

Otelo cai sobre o leito de Desdêmona. Emília o acusa: *“Assim, assim! Anda, estrebucha e ruge! Pois mataste a mulher mais pura, entre as que possam andar na terra de cabeça erguida.”*

Otelo insiste em acusá-la de infidelidade alegando a prova do lenço. Emília reage: *“Tu, estúpido, Mouro! O lenço de que falas eu o achei por acaso e dei-o ao meu marido que vivia a pedir-me que o roubasse!”*

Otelo, caindo em si, precipita-se contra Iago que se desvia, fere mortalmente a mulher pelas costas e foge. A aia canta uma estrofe da “canção do salgueiro” e morre. Otelo, tendo nas mãos uma espada espanhola *“temperada no gelo de um regato”*, diz que pode ser desarmado por qualquer “homúnculo”. (*...”sem a honra, de que vale a bravura?”*) Declama a Graciano, tio de Desdêmona que lhe montava guarda:

> **“OTELO**
> *Olhai. Tenho uma arma na mão!*
> *Jamais, em dia algum, lâmina alguma*
> *melhor que esta pendeu da cinta de um guerreiro!*
> *Tempo houve em que este braço, prolongado*
> *por esta nobre espada, abriu caminho*
> *através de barreiras vinte vezes*
> *mais fortes do que a vossa resistência.*
> *Oh! Fanfarrice vã! Quem manda em seu destino?*
> *Mas já não sou o mesmo! Assim, nada temais,*
> *por eu estar armado. Aqui termino a viagem.*
> *Aqui chega o meu barco ao derradeiro porto...*
> *Recuais de temor? É vão temor!*
> *Basta que alguém encoste um trêmulo caniço*
> *contra o peito de Otelo, e ele retrai-se.*
> *Ah! Que será de Otelo?*
> *Como estará teu rosto, desditosa?*
> *Tão lívida que estás! Como a tua camisa...*
> *No Juízo Final, quando nos encontrarmos,*
> *será por causa desse teu semblante*
> *que minha alma ruirá, precipitada*
> *lá dos Céus para os braços*
> *das fúrias infernais!*
> *Como estás fria, minha filha, fria*
> *tão fria! Como a tua castidade...*
> *Execrável escravo! Açoitai-me, demônios!*
> *Despojai-me do gozo imerecido*
> *desta visão celeste!*
> *Lançai-me aos vendavais! Requeimai-me no enxofre,*
> *engolfai-me em abismos*
> *de fogo liquefeito!*
> *Desdêmona, Desdêmona! Está morta!*
> *Oh! Oh!”* (págs. 204-205)

São trazidos Miguel Cássio numa cadeirinha e Iago escoltado por oficiais. Otelo, após verificar se ele tem pés de cabra, fere Iago com a espada (*“Não temos os pés de cabra, como se diz na fábula; porém, se eu não puder matá-lo é que é mesmo o demônio”*), diz que o que o havia movido não havia sido o ódio, mas a honra. Admitiu também ter tramado contra a vida de Cássio e pede-lhe perdão. É revelado que nos bolsos de Rodrigo havia duas cartas incriminadoras contra Iago, que, ferido sem gravidade, declara: *“O que sabeis, sabeis. E doravante não direi palavra”*. Cássio esclarece o caso do lenço e Otelo conclui: *“Néscio, néscio que fui!”* Um oficial revela que Rodrigo, antes de morrer, havia acusado Iago por sua morte. Ludovico comunica a Otelo sua destituição, a nomeação de Cássio como governador de Chipre e condena Iago: *“No que toca a este monstro, se existir engenhosa tortura que o lacere, sem lhe tirar a vida, alongando, ao contrário, o seu suplício, seja-lhe aplicada”*.

Antes de ser levado para o cárcere, Otelo declara que é um homem que *"sem saber amar, amou profundamente e que, apesar de infenso aos zelos amorosos, impelido ao ciúme enlouqueceu. De um homem cuja mão, como a do índio*[9] *pobre, sem lhe saber o preço, atirou fora a mais preciosa pérola da tribo"*, apunhala-se, cai sobre o corpo de Desdêmona e morre dizendo:

"Dei-te um beijo ao matar-te e ora desejo, ao me matar, morrer dando-te um beijo." (pág. 209)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Onestaldo de Pennafort, retirados de "Otelo", Editora Civilização Brasileira, 1968.)

[9] Nota do resumidor – No primeiro folio não se fala em *indian*, mas em judeu, referência à condenação de Jesus Cristo.